

ENTRE A CAPITAL E O SERTÃO DE PERNAMBUCO: AS RESSONÂNCIAS DOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS ABUSIVOS EM MULHERES NOS TEMPOS LÍQUIDOS

Marta Janaína Alves Ferreira ¹

Léa Carla Oliveira Belo²

RESUMO:

A partir da compreensão sobre a modernidade líquida, os laços humanos passam a ser entendidos como frágeis e artificiais, demarcando a transição das relações de sólidas, para líquidas. Nesse sentido, apesar de transformações significativas frente aos paradigmas sociais, as atribuições sociais de homem e mulher, ainda hoje são orientados por uma visão cultural sexista e machista-patriarcal, que alimentam uma hierarquia entre os gêneros, numa prática de dominação masculina em relação ao feminino. Assim, esta pesquisa buscou investigar através da perspectiva teórica fenomenológica existencial, com uma pergunta disparadora, de que maneira os relacionamentos amorosos abusivos experienciados pelas mulheres em tempos líquidos repercutiram ou repercutem em suas vidas, traçando um paralelo entre as mulheres residentes na capital e no Sertão do Moxotó de Pernambuco.

Palavras-chave: hierarquias de gênero; relações abusivas; capital e sertão; Pernambuco, Brasil; fenomenologia

ABSTRACT:

From the understanding of liquid modernity, human bonds come to be understood as fragile and artificial, marking the transition from solid to liquid relationships. In this sense, despite significant transformations in social paradigms, the social attributions of men and women are still guided by a sexist and macho-patriarchal cultural vision, which feeds a hierarchy between genders, in a practice of male domination over females. Thus, this research sought to investigate, through the theoretical existential phenomenological perspective, with a triggering question, how abusive romantic relationships experienced by women in liquid times have had or continue to have an impact on their lives, drawing a parallel between women living in the capital and in the Sertão do Moxotó region of Pernambuco.

Key Words; gender hierarchies; abusive relationships; capital and interior; Pernambuco, Brazil; phenomenology

¹ Graduanda do curso de Psicologia da Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde – AESA/ Escola Superior de Saúde de Arcoverde – ESSA.

² Psicóloga, Mestra em Psicologia, Professora do curso de Psicologia da Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde – AESA/ Escola Superior de Saúde de Arcoverde – ESSA.

Introdução

Diante da efemeridade que permeia a atualidade, a substituição de projetos para o futuro pelo prazer instantâneo demarca a modernidade líquida, na qual, segundo Bauman (2007), nada é feito para durar. A inconsistência que se traduz nas relações reflete a ambição pela liberdade e pelo consumo, fazendo com que os laços humanos se tornem frágeis e artificiais, constituindo a transição das relações sólidas para líquidas em um período de incertezas no que diz respeito especialmente às relações amorosas.

Embora o amor seja um fim em si mesmo, nascendo e/ou renascendo no próprio instante em que acontece, sofre, dentro desse processo, uma mudança de sentido, se considerarmos um comparativo entre amor sólido e amor líquido, tendo como um fator observável importante, o processo de empoderamento feminino.

Nesse sentido, a sucessão de conquistas de direitos para as mulheres, o direito ao voto, ao divórcio, dentre outros, possibilitaram que a compreensão de estar vivendo em condições de relacionamentos amorosos abusivos servisse de munição para a não aceitação e o consequente rompimento com esse ciclo de machismo e opressão do patriarcado, dando voz às mulheres, que até então eram criadas para servidão e submissão falocêntrica, o que assim, pode facilitar a compreensão das razões pelas quais houve uma melhora na qualidade de vida das mulheres, contribuindo para distanciar a falsa impressão de que os relacionamentos da atualidade não duram tanto quanto os do século passado em detrimento de outras questões que não a do direito à liberdade e à denúncia de violência, por exemplo.

Embora os tempos tenham mudado e a autonomia de ser sujeito tenha chegado para as mulheres, as estatísticas do ano de 2018 ainda evidenciam uma taxa significativa de violência contra a mulher, sendo 31,10% a porcentagem dessa no Brasil, alcançando mulheres em diferentes classes sociais, origens, regiões, estados civis, escolaridades, raças, orientações sexuais, idades e contextos variados (Brasil, 2018). Acredita-se, portanto, que a permanência nos relacionamentos abusivos se fundamenta sobretudo na própria cultura orientada pelo patriarcado, eco de um passado machista e sexista, mas ainda na dependência financeira/psicológica, no medo, na crença em uma mudança de comportamento do companheiro, nos sentimentos de desvalorização, inferioridade e

culpa, na existência de filhos fruto do relacionamento, no tempo de convívio, entre outros exemplos, que permeiam as relações (Gomes; Fernandes, 2018).

Assim, este trabalho teve como objetivo investigar de que maneira os relacionamentos abusivos vivenciados pelas mulheres em tempos líquidos refletem nas relações futuras dessas, traçando um paralelo entre as mulheres residentes na capital bem como no sertão de Pernambuco, uma vez que o contexto sociocultural distinto do lócus geográfico pode interferir no processo de entendimento, aceitação e empoderamento, por parte das mulheres submetidas à violência. Desse modo, são consideradas notórias diferenças no modo de viver perante essa diferenciação geográfica, tendo em vista que, o que permeia a vida da mulher no Sertão do Moxotó diz respeito a limitados meios de subsistência, e mesmo que de um lado tenham oportunidades de estudo e emprego, por outro, a supervigilância por parte do homem e da família dificultam sua autonomia nesse contexto.

Portanto, percebe-se, assim, a violência para além de uma única perspectiva, destacando a relevância dos reflexos negativos que o relacionamento amoroso abusivo pode trazer para a vida da mulher violentada, comprometendo assim suas relações amorosas futuras. Além disso, contribui para o processo de empoderamento a partir da racionalização a respeito de todo o processo de violência sofrido e muitas vezes naturalizado, viabilizando a compreensão acerca do comprometimento psicológico.

2 Método

Os dados desta pesquisa foram coletados a partir do método de entrevista aberta com pergunta disparadora em forma de narrativas, por colaborar na investigação dos aspectos afetivos e valorativos que dão significado às atitudes e comportamentos pessoais, se tratando de dados subjetivos, perpassando respostas espontâneas e possibilitando questões inesperadas que podem ser de grande valia para a pesquisa (Boni; Quaresma, 2005).

As entrevistas foram realizadas de forma individual, com duração mínima de uma hora e no máximo duas, tendo como participantes 10 mulheres escolhidas sob os seguintes critérios de inclusão: ser maior de dezoito anos, reconhecer ter experienciado um relacionamento amoroso abusivo ao ser informada sobre o tema da pesquisa, residir no

Sertão do Moxotó e/ou na capital do estado de Pernambuco, Recife, sendo estes critérios de inclusão para todas as entrevistadas.

No que se refere à análise de dados, as falas foram analisadas de acordo com a analítica do sentido, respaldada na perspectiva fenomenológica existencial pautada nas significações que atravessam o modo de ser e existir no mundo a partir do que é experienciado na existência humana, tendo, após a transcrição das entrevistas, a não elaboração de categorias de análise, ao invés disso, serão tecidas interpretações, em conformidade aos objetivos da pesquisa, de acordo com o referencial teórico adotado. As experiências compartilhadas favorecerão ao fortalecimento da temática estudada, concordando ou discordando com arcabouço bibliográfica.

Resultados E Discussão

Considerando a investigação à luz da fenomenologia existencial como sendo “a ação de levar adiante uma interrogação a respeito de alguma coisa” (Critelli, 1996, p. 25), os resultados encontrados se deram a partir da seguinte pergunta disparadora: “*Como o relacionamento amoroso abusivo que você experienciou repercutiu ou repercute em sua vida?*”. Compreende-se nesse sentido que a expressão do ser no horizonte existencial, nos modos-de-ser-no-mundo, segundo Critelli (1996), nunca está oculto atrás do que é manifesto, uma vez que, para que as coisas passem a ser, elas precisam de manifestação, seja pela fala, pelo sintoma, ou pela expressão da fantasia, da loucura e da imaginação.

Desse modo, tornou-se possível compreender os sentidos e significações das experiências vividas, entrelaçando as falas das entrevistadas com os sentidos que elas atribuem à ressonância do relacionamento abusivo, estando o significado relacionado a “diversas definições relativas à história, à cultura e à sociedade [...] a que pertence” (Critelli, 1996, p. 43). Assim, quando a narradora Rosana fala sobre sua experiência, destaca o que repercutiu ou repercute na sua vida, conforme pode ser observado abaixo:

De forma negativa! Porque até hoje afeta nos relacionamentos que eu tenho, porque, eu acabo não conseguindo confiar nas pessoas, sempre eu penso que elas querem me machucar, que elas querem se aproveitar de mim de alguma forma e eu não consigo, tipo, manter um relacionamento é... com confiança. Aí isso afetou em todos os relacionamentos que eu tive, tanto que é... no último namoro que eu tive, que também foi abusivo é... eu... depois que eu terminei eu não

quis mais namorar porque eu vi que não dava certo, porque os dois que eu tinha, tinha sido experiências ruins e... acho que é isso! De forma negativa. Porque acabou afetando o relacionamento que eu construo até com meus amigos, sabe!? Principalmente quando é homem. Ai eu fico olhando as brincadeiras de forma diferente, eu não olho da mesma forma e mudou, acho que, tudo em mim. Meu pensamento, meu comportamento, enfim... [...] agora quando eu vou me relacionar com uma pessoa eu penso só que vai ser da mesma forma. Então acabou que, meio que, não sei se prejudicou ou se serviu de alerta, enfim. Mas eu acho que, pra mim, prejudicou, porque eu não consigo mais manter um relacionamento e ter confiança em homens [...].

É possível observar a partir da narrativa acima expressa, a afetação no modo de Rosana ser e de existir no mundo, em detrimento da experiência amorosa abusiva, uma vez que esta passa a refletir diretamente nas suas escolhas, bem como na confiança frente ao relacionamento com homens, para além do amoroso, permeando relacionamentos de amizade e familiar, o que atravessa sua existência quando “o sentido que ser faz para cada um de nós, em particular, e para nós, em comum, deixa-se ver na trama de relações significativas em que vamos tecendo e estruturando nossa vida cotidiana” (Critelli, 1996. p. 99).

Nessa perspectiva, o impacto gerado pelo relacionamento amoroso abusivo se traduz em danos para além de uma relação consigo mesma, implicando negativamente na autoconfiança, e sobretudo no que diz respeito aos relacionamentos interpessoais dessa mulher, de sorte que a existência passa a ser permeada pelo medo constante de reviver a violência, como um todo, pois “o homem não tem o poder irrestrito de ser ou não ser. Ele pode optar por morrer, mas não por nascer, ou por nascer numa e não em outra situação” (Inwood, 2004. p. 35). Desse modo, o que fica frente à violência sofrida não permite a escolha de não vivenciar sequelas, a opção existente é a de romper com o ciclo de violência, mas escolher vivenciar o que esta permeia de negativo, bem como de positivo em determinadas situações, não é possível.

Na narrativa da mesma entrevistada identificou-se ainda outros elementos importantes que merecem destaque, sobretudo por existir componentes de uma construção social – o machismo, nitidamente evidenciados no trecho a seguir:

[...] não percebia o que tava acontecendo, eu não percebia que eu tava num namoro abusivo, eu não tinha noção também que era, porque eu fui criada é...com pais machistas. Então pra minha mãe é supernormal

o que meu ex ou que o outro fazia, enfim [...] me tratar com falta de respeito, a xingar, é... não tinha compromisso mais comigo, ele começou a me trair, eu não podia sair sem ele, enganava, mentia [...].

A partir da narração supracitada, é notória a presença da reprodução de hierarquia entre os sexos, uma vez que, a partir da experiência familiar é possível compreender o machismo através da soberania da autoridade masculina, por parte figura paterna, em detrimento da submissão feminina, quando, educadas por mulheres, aprendem que seu destino consiste na subordinação frente ao homem, o que enaltece o prestígio viril e faz com que este está longe de ser apagado (Beauvoir, 1967).

Estes aspectos demarcam uma construção histórica do que é ser mulher, através de um passado machista e sexista que perpassa a mitologia grega, quando traz, nas suas figuras mitológicas Atena deusa da sabedoria, como fruto da cabeça de seu pai, Zeus, e não de sua mãe, desqualificando a mulher, no sentido de que os bons frutos não podiam estar associados à figura feminina, reproduzindo no decorrer dos séculos, a associação da mulher à símbolos de fragilidade e submissão. (Andrioli, 2006). Portanto,

[...] os sistemas gênero-sexo historicamente realizados revelariam, na relação masculino e feminino, a opressão e exploração deste último pelo primeiro: a história das sociedades até agora existentes constituiria uma história da subordinação das mulheres pelos homens em base aos sistemas gênero-sexo que culturalmente produziram. (Campos, 1992, p. 111).

Desta feita, em detrimento de uma sociedade orientada por padrões patriarcais cristalizados, influenciados por vertentes religiosas cristãs, é possível perceber, através da fala de outra entrevistada, Luíza, fortes traços da influência construída acerca da representação social imposta à mulher “alocadas na figura da passividade, do silêncio, da sombra na esfera desvalorizada [...]” (Rago, 2012. p. 15), conforme é notável no trecho abaixo:

[...] eu me considero submissa! Sabe? Por exemplo, bíblicamente falando a gente sabe que a submissão existe. Mas ela existe também pra um cara que dá conta do papel dele também, sabe? Mas se submeter a um panaca porque tá escrito, não. Sabe? O mesmo texto fala sobre o papel dele também. Então assim, eu me considero submissa nesse sentido, por exemplo, às autoridades, tipo, ao meu pastor, a minha mãe, aos meus professores, de alguma forma, porque, eu, eu mantenho esse

respeito, porque tipo assim, ele é uma autoridade sobre mim. Eu que tenho que dar satisfações a respeito, entende?

Nesse sentido, a religião, vista como um sistema figurativo, interage com o patriarcado sociocultural de forma dialética, sendo apresentada como parte estruturante deste sistema no que concerne à sua organização formal, bem como pela construção teológica frente aos lugares do masculino e do feminino nas trocas relacionais da sociedade e religião (Lemos, 2013). Para Weber (1999), na realidade o poder patriarcal refere-se à submissão pessoal ao senhor que garante a legitimidade das regras por este instituídas, e o fato e os limites de seu poder, sua origem em “normas”, mas em normas não-intuídas, são sagradas pela tradição.

Sendo assim, o patriarcado não fala somente do poder do pai, mas do poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social. O patriarcado é portanto uma forma de organização social na qual as relações são governadas pela subordinação hierárquica das mulheres em relação aos homens e, dos jovens aos homens mais velhos. Nesse sentido, o domínio masculino ditado pelos valores do patriarcado atribuiu um maior valor às atividades tidas como masculinas em detrimento das atividades tidas como femininas, e ainda legitima o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia da mulher (Scott, 1991).

Desta feita, considerando os fatores históricos na construção das atribuições sociais, a fenomenologia existencial afirma que a história humana se dá através de uma mobilidade cíclica e constante de realização, atravessada por um inesgotável e imprevisível jogo de poder humano, que busca pela veracidade do ocultamento, fazendo com que apenas um poder tenha maior importância e passe a ser predominante (Critelli, 1996), se traduzindo neste jogo de soberania masculina, forjando o controle, bem como a supremacia sobre o outro.

Assim, para que se possa contextualizar as construções históricas apontadas anteriormente, é possível traçar um paralelo entre relações amorosas antigas, em detrimento das atuais, considerando que “em meio as tramas de consumo e dos objetos de uso, as relações interpessoais ganham sua possibilidade de manifestação e estruturação” (Critelli, 1996. p. 111). A partir da fala de Khady, uma de nossas entrevistadas, a concepção atual acerca dos relacionamentos amorosos se traduz como sendo instantânea, permitindo que, por meio da virtualidade, se quebrem as fronteiras,

noções de espaço-tempo, permitindo cada vez mais a comunicação sem envolvimento emocional e sem uma ideia de compromisso (PAURA; GASPAS, 2017). Sendo assim, a narrativa aqui expressa por Khady, traz elementos fundamentais para compreensão dessa transformação com a chegada da modernidade, inclusive no que diz respeito ao direito de a mulher exercer sua condição de ser humano sem ter que lidar com a misoginia como pré-requisito, conforme destacado abaixo:

O que eu vejo de antes e depois tipo, a internet influenciou muito nos relacionamentos de hoje. Porque tudo é muito rápido. Eu tenho 35. Quando eu comecei namorar, eu tenho que ir pro orelhão, ligar pro meu namorado, ir na casa dele ou quando é uma coisa a distância, um relacionamento de amizade, tipo, tinha que mandar carta, porque telefone era uma coisa cara. Hoje em dia você usa o *tinder* né. Faz relacionamento pra transar com alguém né. Tipo, quando eu queria paquerar alguém, na minha época, eu tinha que torcer pra essa pessoa ir pra mesma festa que eu fosse, né. Hoje não, antes de eu sair de casa, antes da pessoa sair de casa já sabe que a pessoa tá, fica postando *stories*, já sabe se a pessoa vai pra festa, quando ela confirma no convite, que vai pra festa. Agora isso faz com quem também fique muito frágil, né, os relacionamentos. Porque é tudo tão rápido. Ah, tô com uma pessoa hoje, mas tô com outra amanhã. Fica muito frágil os relacionamentos. Mas em compensação também tem as outras maneiras, né. Tipo, a liberdade sexual que se tem mais, hoje se fala de sexo, se fala de outras coisas também, sexo, drogas, que antes não se falava, né. A mulher hoje ela pode chegar né, ela pode paquerar, né, em vez de ser paquerada, não tem isso hoje em dia.

Em consonância com a narrativa acima citada, o paralelo comparativo entre a diferença dos relacionamentos frente a mudança de época, traz a ideia de que os relacionamentos anteriores ao advento da internet, mostravam-se mais sólidos, sendo fundamentado por Bauman (2007), quando ele cita que esta transição se dá através da modificação das estruturas sociais, a partir do processo de globalização e consequentemente do declínio dessa concretude sólida, que deu lugar à volatilidade e instabilidade cotidiana, configurando no que ele chama de modernidade líquida.

Nesse sentido, a fragilidade que permeia as relações amorosas na atualidade se consolidam “face às incertezas e urgências das sociedades contemporâneas, sacudidas pelos fluxos do mercado e da opinião de um mundo globalizado, desigualitário e hiper-capitalista, sem unidade ou centro de decisão” (BLANC, 2011 p. 4), culminando numa crise generalizada de sentido, quando se colocam contrárias às relações passadas, encaixam perfeitamente no cenário líquido da vida moderna onde as possibilidades românticas surgem e desaparecem numa velocidade e volume cada vez maior (BAUMAN, 2004). Nessa perspectiva, o filósofo Luiz Felipe Pondé (2017, p. 47),

esclarece que no universo corporativo “[...] os afetos são tratados como dínamos para a produção. E produção gera consumo, garante empregos, o que faz a máquina capitalista girar.”.

Na fluidez em que ocorreram as narrativas e em consonância com o contexto dos amores líquidos da atualidade, um ponto considerável a ser chamado para reflexão diz respeito ao que da vivência propriamente dita do relacionamento amoroso abusivo fica para essas mulheres na dimensão atual das suas vidas, especialmente explicitado na fala de Patrícia, quando ela afirma:

[...] ainda carrego muita... eu tento trabalhar isso, mas eu ainda carrego muita coisa aqui. Que... ele fez comigo, assim, sabe? Em relação a emocional. Essa questão de eu achar que tava sendo insuficiente pra alguém, que eu fazia infeliz, que... e outra coisa, é... eu passei a ser muito agradecida pelas coisas que eu não preciso agradecer. Então, o cara que fiquei depois dele, ele não fazia... assim, ele era muito legal comigo, então, o básico que ele fazia comigo, eu agradecia, muito obrigada, muito obrigada. Ele chegou a dizer, por que tu pede tanto obrigada? E aí depois eu parei pra pensar nisso, por que eu pedia tanto obrigada. E pedia muito desculpa, também. Tudo meu era desculpa, desculpa, desculpa, desculpa, desculpa, desculpa. Quando eu vi que minha conversa era só desculpa e obrigada, desculpa e obrigada. E aí eu acho que é decorrente também pelo que eu passei, né. Eu pedia muito desculpa por talvez, por talvez não, por coisas que não eram minha culpa e pedia, e comecei a ser agradecida, por que ele dizia, ah o que eu faço por você, você tem que agradecer, porque outros não fariam por você. E aí eu comecei a ser muito agradecida e pedir muito desculpas, então isso repercutiu até mesmo sendo outro, outro cara, quando eu terminei com ele. [...] eu vivia infeliz, chorando, eu tive que passar por um psiquiatra porque eu tive síndrome do pânico relacionado a isso é... na verdade, quando eu tive a crise, eu sabia que eu tava tendo uma crise e porque... era a primeira vez que eu tinha tido, porque eu nunca tinha tido isso antes né. Aí, quando eu fui no psiquiatra, eu tava com a minha mãe e aí ele perguntava o que era que tinha ocorrido pra ele poder diagnosticar e aí tudo meu, eu dizia que era o TCC, mas eu sabia que não era, mas eu precisa dizer porque minha mãe não sabia pelo que eu passava e como ela tava comigo... [...] eu precisava botar a culpa em alguma coisa, porque eu não poderia relatar pelo que eu tava passando e assim, chegou isso né, eu tive síndrome do pânico, eu comecei e tomo ainda remédio, pra... tomo dois tipos de remédio, ainda hoje em dia, controlado, por conta disso e aí é uma coisa muito louca assim [...].

A partir do discurso apresentado, é possível desempenhar uma aproximação com Pondé (2017, p. 66), quando ele faz a colocação de que “o mundo é uma relação entre oprimido e opressor”, evidenciando os traumas remanescentes da situação abusiva em que se encontrava Patrícia em determinado momento de sua vida, a partir de uma construção social que perpassa os séculos, denotando relações de dominação que garantem direitos, imunidades e privilégios ao gênero masculino, acarretando em

injustiças para a outra parte, dando lugar à aceitação de condições de existência indignas, naturalizando tal processo. Sobre esse aspecto, Bourdieu (2002, p. 2-3), assinala:

[...] sempre vi na dominação masculina e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce, essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou em última instância do sentimento. Essa relação social extremamente ordinária oferece também uma ocasião única de aprender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado [...].

No que concerne ao pensamento acima exposto, é possível, ainda, dar destaque a uma outra colocação de Patrícia, complementando assim a reflexão a partir da consideração dos atributos da violência simbólica, esboçando um paralelo entre o reconhecimento e o medo, frente a pressão sofrida, em larga escala, oriunda deste poder de dominação, no mundo relacional, permeado por ameaças, sobretudo quando em seu discurso ela afirma:

eu sofri muita violência psicológica e aí repercutiu muito na minha... na minha questão emocional. É... antes, quer dizer, durante o relacionamento e depois também, durante era por conta que eu sofria muita pressão, né! E violência psicológica. Então assim, eu vivia chorando, eu já não era feliz, eu não gostava mais dele, mas eu precisava manter aquele relacionamento é... porque ele dizia que ia se matar se eu terminasse e aí eu fiquei com a consciência muito pesada, porque hoje em dia a gente releva muito quando uma pessoa diz isso né, só que a gente não sabe até onde a coragem do outro vai e assim, se eu já tava me sentindo culpada por tá ali dentro, eu iria me sentir muito mais culpada se ele fizesse isso. E aí, de certa forma, é... eu vivia chorando, porque eu tava infeliz e não poderia sair daquele relacionamento, naquele momento [...].

Diante de um tema complexo como este, e do sofrimento envolvido no processo de cada entrevistada, é importante destacar que os resultados encontrados se apresentaram positivos mesmo frente às violências sofridas no contexto dos relacionamentos amorosos abusivos, pois para além das marcas e sequelas a resignificação do que foi vivido ocorreu para a maioria das entrevistadas, suscitando assim uma outra questão, a do empoderamento feminino como uma nova significação para o existir, uma vez que, “o sentido da existência transcorre e se consolida [...]” (CRITELLI, 1996. p. 110), quando no vazio e na carência de sentido é percebido a necessidade de se recuperar um sentido novo para que então possa voltar a ser (CRITELLI, 1996).

Assim, considerando este pensamento, a narradora Melissa traz estas considerações em sua fala, além de pontuar a saída do lugar de submissão para o de autonomia da própria existência, quando suscita que as suas próprias ações passarão a ser pensadas e transformadas no momento em que ela entende como bom para ela e não a partir do que um possível parceiro dite, conforme é possível notar em sua fala a seguir:

[...] hoje eu não aceito mais uma pessoa dizer, ó Melissa, você não pode fazer isso porque eu não quero que você faça isso. Mas se eu quiser eu vou lá e vou fazer, porque eu posso, eu quero e eu consigo. Sozinha! Independente de homem, independente de quem for que esteja ao meu lado. E tem que me aceitar do jeito que eu sou. Não vou mudar mais por ninguém. Eu vou mudar se eu achar que, não, isso daqui eu preciso mudar pra ME melhorar. Agora se for porque outra pessoa quer que eu mude, por que ela não tá gostando, então, saia da minha vida. Eu sou quem eu sou e pronto. Se você tá com medo... Você tem que gostar de mim do jeito 100% que eu sou.

Desta feita, para que se possa ser contextualizado o conceito do empoderamento feminino como forma de ressignificação dos modos de ser e existir-no-mundo, é preciso que, primeiramente tratemos de conceituar sobre feminismo, uma vez que existe uma ligação intrínseca entre eles. Assim, a partir de Butler (2003), é possível compreender o feminismo como sendo uma teoria com identidade definida, que compreende a classe das mulheres, tendo para além do desencadeamento de processos na busca de interesses e objetivos, a constituição de ser sujeito, promovendo visibilidade política frente às condições culturais que mal representavam a vida das mulheres. Nesse sentido, “[...] o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes [...]” (BUTTLER, 2003. p. 18). Portanto,

[...] o “sujeito” do feminismo é em si mesma uma formação discursiva e efeito de uma dada versão da política representacional. E assim, o sujeito feminista se revela discursivamente constituído — , e pelo próprio sistema político que supostamente deveria facilitar sua emancipação, o que se tornaria politicamente problemático, se fosse possível demonstrar que esse sistema produza sujeitos com traços de gênero determinados em conformidade com um eixo diferencial de dominação, ou os produza presumivelmente masculinos. [...] Em outras palavras, a construção política do sujeito procede vinculada a certos objetivos de legitimação e de exclusão, e essas operações políticas são efetivamente ocultas e naturalizadas por uma análise política que toma as estruturas jurídicas como seu fundamento (BUTTLER, 2003. p. 19).

Assim, considerando então que, a forma em que a partir do feminismo, as mulheres são postas no cenário atual da sociedade, existindo agora com lugar de fala e como ser político, é possível estreitar um paralelo direto entre feminismo e o processo de empoderamento, observando a contextualização supracitada, entendendo que sua prática

se viabiliza por meio da promoção da autonomia e da superação de desigualdade de poder nos diversos contextos sociais (LEÓN, 1997).

Pois, o empoderamento se constitui também como forma de emancipação, possibilitando que o sujeito assuma a moral racionalmente de forma autônoma e não porque o outro exige que se faça algo (PONDÉ, 2017), o que claramente foi expresso na fala de Melissa, podendo conceituar-se, nos moldes da atualidade segundo Ribeiro (2015), como sendo algo distante de ser individual ou sinônimo de tomada de poder para fomento e perpetuação de opressões, significando assim, comprometimento com a busca pela equidade, orientando-se em formas do fazer para promoção de fortalecimento de mulheres em um sentido coletivo, para que se promova, ainda, uma sociedade igualitária. Assim,

[...] não pode ser algo autocentrado dentro de uma visão liberal, ou ser somente a transferência de poder, é além, significa ter consciência dos problemas que nos aflige e criar mecanismos de combatê-lo. Quando uma mulher empodera a si tem condições de empoderar a outras. [...] Significa uma ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos sociais (RIBEIRO, 2015. p. 1)

Portanto, trazendo o fenômeno do empoderamento para a luz da fenomenologia existencial, podemos entendê-lo como a possibilidade de melhorar a visão de mundo para que diretamente possa se melhorar o modo de habitá-lo, bem como transformar em constante a forma e a direção dessa habitação a partir da significação e da ressignificação constituídos no modo de ser-no-mundo frente a experiências que atravessam a existência (CRITELLI, 1996).

Nesse sentido, para compor tais reflexões, é importante destacar a função de rede que o empoderamento desempenha, sobretudo quando observou-se nas narrativas expressas das entrevistadas este conteúdo, no qual foi explicitado sempre a ajuda de uma mulher que podia observar de fora a relação abusiva, podendo ser uma amiga, uma conhecida ou alguém da família. Deste modo, isso torna-se notório quando a entrevistada Elisa afirma, “[...] porque eu tenho certeza que, não só eu, mas todo mundo que tem um relacionamento abusivo, tem pessoas que vê, porque quem tá de fora vê. Tive muitas amigas que: E esse cara, isso e aquilo [...]”.

Em detrimento dos questionamentos elencados na construção desta pesquisa, a inquietação acerca do que compõe um cenário de violência nos diversos contextos sociais

também surgiu como uma parte integrante das narrativas no que concerne à diferenciação geográfica, quando surge o fenômeno que envolve essa diferenciação, indicando que o fato de se morar no sertão do Moxotó em Pernambuco implica em diferenças nos modos de enfrentamento do sofrimento, se comparado a quem passa pelo mesmo processo na capital - Recife, tendo em vista que o ser é subjetivo e individual e que embora o contexto de violência possa ser semelhante, o modo como este se imprime para cada pessoa é único. Para tanto, Vilbena (2003) traz essa construção conjunta de subjetividade e lugar quando cita que as cidades se constituem de um modo também particular, uma vez que o espaço possibilita a construção da vida social, pois lugares são produtores de identidade numa conjuntura da pluralidade cultural e particular de cada espaço, no qual o território se traduz em produto e produtor. Na verdade, “[...] Os sujeitos ligam-se aos lugares e os reconhecem no curso de sua vida [...] isto significa que o espaço pode ser simbolizado, ou seja, ganhar um lugar representacional no imaginário do sujeito.” (VILBENA, 2003. p. 1-2). Assim, a partir do exposto acima, pode-se observar quando a entrevistada Rosana fala a respeito do machismo, que permeou a vivência do seu relacionamento amoroso abusivo, a influência do locus geográfico na sua vida, como pode ser visto a seguir:

[...] eu achava supernormal a forma de como era o namoro da gente. Até porque tinha outras amigas da gente que namorava do mesmo jeito e acho que também pelo fato de ser interior. Que interior é totalmente diferente. E quando eu comecei a ter acesso a outras fontes, a outras pessoas, a outras cidades, ter conhecimento de o que era viver, do que era ter um relacionamento, eu acho que começou a mudar [...].

Nesse sentido, trazendo à luz um outro exemplo a respeito da construção social dos sujeitos frente à localização geográfica, foi possível observar também a partir da fala de Patrícia o entendimento da vivência do relacionamento abusivo em uma cidade de interior, quando ela caracteriza o abusador trazendo que: “[...] ele é uma pessoa de interior, uma pessoa de interior, uma pessoa de sítio e ele é muito cabeça fechada, muito cabeça fechada, muito machão, muito tampa [...]”.

Assim, as falas acima representadas se completam com o pensamento de que o fato de passar por um relacionamento abusivo na capital e no sertão de Pernambuco implica diferentes questões pelo fato de que a cultura se dá de um modo singular para cada um destes, podendo, desse modo, ser exemplificado na fala de Berenice quando ela

diz que um dos fatores que implicam nesse processo é o fato de que não existe muito diálogo a este respeito no interior:

[...] capital não é tanto assim, porque chegam mais informações pra ela, né. Tem mais apoio... elas são mais instruídas, eu acho. E no interior tem muito isso de... eu acho que interior o povo é mais religioso, aí vem muito isso da religião, ah, se o seu marido lhe trai, trata com desrespeito, você tem que tentar ficar com ele, vocês construíram uma família. Todo esse negócio psicológico que a religião impõe e as crenças, tipo. E, e o povo aqui da capital, as pessoas são religiosas, mas acho que não são tanto assim, né, a esse ponto, eu acho que elas são mais instruídas em relação a isso. To falando de modo geral, né, mas com certeza deve ter alguma que... algumas que... que não tenha tanto essa informação, né. Porque aqui é muito mais fácil debater esse assunto, né?

Portanto, o que estas mulheres são quando se encontram em um relacionamento amoroso abusivo não está somente nelas, mas sim no que se vê frente a este fenômeno, uma vez que o olhar não é exclusivo ao indivíduo, por ser composto de inúmeras referências das relações significativas do mundo que habita (CRITELLI. 1996), ou seja, a tradução da exposição do ser frente à vivência destes relacionamentos e desempenhada a partir do contexto cultural em que se esta mulher está inserida, está para o modo de violência sofrida que será afetado diretamente por questões intrínsecas daquele lugar e daquela cultura. Tal pensamento pode ser corroborado com a narrativa de Elisa, quando expõe sobre os relacionamentos amorosos abusivos:

[...] no interior tem muito mais do que na capital. Assim, na minha concepção né. É como se... na capital tem, mas as mulheres são muito mais é... como é que eu posso falar, tentam ser mais... eu não sei explicar. Tentam ser mais... é... abertas, por ter mais oportunidades ou então... e no interior não. No interior você, é pequeno, tem medo é... o homem quer realmente mandar, ela, acha que é como se fosse dono. Não que na capital não seja, mas eu acho que na capital, por ter muito mais é... formas de você se sair, do que no interior, e aí no interior eu acho que é mais pesado do que na capital.

Portanto, as indagações desempenhadas nesta pesquisa levaram a produtos que caminharam entre a trajetória do que os relacionamentos amorosos abusivos ocasionaram na vida das mulheres que foram expostas a esta situação, bem como no que se imprimiu desta experiência na existência destas, assim, como produto final, será apontado, a partir do que se imprimiu na vida destas mulheres o que fica de ressignificado quando se pensa nas relações pós-violência. Desse modo, a colocação de Barros (2017. p. 76) sobre esta problemática na atualidade torna-se bastante pertinente, uma vez que

[...] se hoje, nos negamos a revelar os nossos afetos, em grande medida, é por termos uma extra dimensão do tipo de relação desconfiada em que estamos inseridos. Fomos fabricando uma sociedade da desconfiança, na qual a confissão e a aceitação social – e por que não dizer também íntima – dos afetos se veem problematizadas por uma certeza: não conseguiremos revelar a nossa fragilidade sem que se aproveitem dela para manifestar suas forças [...].

Nesse sentido, o que passa a permear a existência no pós-violência, se traduz numa condição de alerta constante para que não seja permitido reviver relacionamentos amorosos abusivos na revelação plena do que se sente, bem como num estudo prévio de personalidade do parceiro, como Fátima assinala em sua experiência:

[...] fiquei mais forte, mais segura pra enfrentar outros relacionamentos, viver outras experiências. Porque quando a gente tá dentro de um relacionamento a gente se sente meio que impotente, pensando como é que vai acabar isso, né [...] quando eu consegui me livrar de toda aquela situação, hoje, eu vejo de uma maneira positiva. Porque eu não me submeto a certas coisas que eu me submetia, né, eu não entendia, mas hoje eu já entendo. Então já não dou mais aberturas para que coisas daquele tipo aconteçam, né. A experiência me deu isso, a segurança de que... hoje eu sei quando a pessoa fala com você grosseiramente, com palavra ofensiva e eu não aceito. Já sei lidar com esse tipo de situação. Isso me fortaleceu pra viver um relacionamento bom, saudável. Que quando começa a ter muito atrito, assim, eu já sei que não tá legal, eu não dou tanto tempo, né, esperando o tempo pra saber o que vai acontecer. Não, você já entende, né. Eu acho que foi positivo, pra mim, hoje. A experiência que eu tive hoje é positiva, pra eu levar pros relacionamentos pra ter uma qualidade melhor [...].

Destarte, a realidade afetiva que é negada por ser atravessada, no contexto da atualidade, por dúvidas acerca do destino, bem como do devir de alguém que reconhece esta fragilidade numa sociedade permeada pela desconfiança e violência, que se resulta em um modo mecânico de infidelidade de princípios, inviabiliza a existência de relações saudáveis por convivermos com medo uns dos outros e inclusive medo daqueles que materializam o afeto conosco (BARROS, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa apontam que os relacionamentos amorosos abusivos influenciam nos demais relacionamentos e indicam que, diante dos momentos de violência sofridos, o que se imprime na existência por um lado é o medo de que as experiências marcadas pela dor possam ser revividas com outros parceiros. Sendo assim a relação atravessada pela insegurança, possibilitou também a ampliação do olhar destas

mulheres no sentido de estar sempre atenta à indícios que mostrem que o parceiro é abusivo e que quando percebido, o afastamento se torna uma possibilidade mais concreta e o tempo de espera para uma suposta melhora do relacionamento, algo menos tolerável, para que não se abram possibilidades de se submeter à submissão e as diversas formas de violência.

Nesse sentido, através da análise comparativa dos fenômenos encontrados nas falas das mulheres da capital e do sertão do Moxotó do estado de Pernambuco viu-se que, tais processos tem um modo singular e subjetivo de ocorrer, considerando que o modo-de-existir é único e o processo cultural de cada localidade se dá de uma maneira também particular, embora o machismo e os relacionamentos amorosos abusivos estejam presentes nos dois contextos, a forma com que ocorrem, sua intensidade, bem como seu sentido, é variável.

Assim, em detrimento da liquidez que permeia as relações na atualidade, considerando a volatilidade e a efemeridade no que refere ao modo como se vivencia o afeto, sabendo-se que cada vez mais as pessoas tornam-se descartáveis, a consideração e o respeito pelo outro denotam extrema fragilidade, favorecendo assim violências simbólicas e literais impressas nas relações amorosas abusivas atuais, herdadas de um passado marcado pelo machismo e sexismo.

Nessa perspectiva, a construção social patriarcal em que vivemos constantemente apresentar formas de atualizar e sobrepor o gênero masculino em detrimento do gênero feminino o que implica concluir, ainda, que, com a modernidade líquida os relacionamentos amorosos abusivos cada vez mais se multiplicam, pois, este lugar de desconsideração em relação às mulheres foi construído ao longo de séculos e perpassa os amores líquidos. Na atualidade, no entanto o que se pensa é no prazer instantâneo que se obtém através do ato sexual e não nas trocas afetivas, se distanciando de relações concretas com planos à longo prazo, traduzindo-se em traições, transformando pessoas em mercadoria facilmente descartáveis, caracterizando o amor líquido.

Deste modo, considerando esta pesquisa como um trabalho que parte de um lugar de fala, torna-se impossível que a palavra feminista não seja uma expressão de especificidade e particularidade referente aos problemas de gênero aqui apresentados. Portanto, seria desonesto não utilizá-la e referir-se a estas questões apenas como direitos

humanos, pois, seria uma maneira de fingir que não se houve exclusão, nem opressão e que o problema não é ser humano, mas sim ser humano do sexo feminino.

Nesse sentido, com a existência demarcada pelo patriarcado, o feminismo procura garantir que a equidade chegue a ambos os sexos, e que apesar da presença constante do machismo, possibilitou à mulher lugar de fala e de existência efetiva com o advento do empoderamento, que contribuiu significativamente na vida das entrevistadas no que diz respeito à resignificação e à superação com o rompimento do relacionamento amoroso abusivo, dando a estas o poder de escolha de inclusive saber que não precisa de um homem para que se sinta completa, bem como de compreender que suas experiências amorosas não as favoreciam tanto quanto desfavoreciam.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**, 1 Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BARROS FILHO, Clóvis de; PONDÉ, Luís Felipe. **O que move as paixões**. 1ª ed. São Paulo: Papyrus 7 mares, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 2 Ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan. 2005. ISSN 1806-5023. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 05 Ago. 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BLANC, Mafalda de Faria. Crise do sentido e Tarefa do pensar. **LusoSofia.Net**, 2001. Disponível em:



http://www.lusosofia.net/textos/blanc_mafalda_crise_do_sentido_e_tarefa_do_pensar.pdf Acesso em: 28 de novembro de 2019.

BRASIL, **Panorama da violência contra as mulheres no Brasil** [recurso eletrônico]: indicadores nacionais e estaduais. – N. 1 (2016) Brasília : Senado Federal, Observatório da Mulher Contra a Violência, 2018. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR-2018.pdf> Acesso em: 5 de maio de 2019.

CRITELLI, Dulce Maria. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. 2 Ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GOMES, Ingrid Raphaelle Rolim; FERNANDES, Sheyla C. S. A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da teoria da ação planejada. São Paulo: **BOLETIM ACADEMIA PAULISTA DE PSICOLOGIA** v38, nº 94, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2018000100006&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 10 de junho de 2019

INWOOD, Michael; **Heidegger**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LEMOS, Carolina Teles. Religião e Patriarcado: elementos estruturantes das concepções e das relações de gênero. Goiânia: **Caminhos**, v 11, n. 2, p. 201-217, jul/dez, 2013. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/2795> Acesso em 24 de novembro de 2019.

LEÓN, Magdalena. “El empoderamiento en la teoría y práctica del feminismo”. Bogotá: **Tercer Mundo Editores** — Universidad Nacional de Colombia. 25-45. 1997. Disponível em: https://issuu.com/publicacionesfaciso/docs/revista_estudios_sociales_no_56 Acesso em: 23 de novembro de 2019.

PAURA, Marcelo Dias Carvalho; GASPAR, Danielle. Os relacionamentos amorosos na era digital: um estudo de caso do site parperfeito. Juiz de Fora: **Estação Científica**. n. 17, jan-jun, 2017. Disponível em: <https://portal.estacio.br/media/3728713/os-relacionamentos-amorosos-na-era-digital.pdf> Acesso em: 21 de novembro de 2019.

RAGO, Margareth. Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós) modernidade no Brasil. Campinas: **Cadernos AEL**, n 314, p. 1-33, 1995/1996, 2012. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2612/2022> Acesso em 15 de junho de 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O empoderamento necessário**. Geledés, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-empoderamento-necessario/> Acesso em: 28 de novembro de 2019.



SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Recife: **S.O.S. Corpo**, 1991. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/Gênero-Joan%20Scott.pdf Acesso em: 24 de novembro de 2019.

VILBERNA, Junia de. Da claustrofobia à agorafobia. Cidade, confinamento e subjetividade. Rio de Janeiro: **Revista Rio de Janeiro**, n. 9, p. 77-90, jan-abr, 2008.

Disponível em: http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_9/009_077.pdf Acesso em: 24 de novembro de 2019

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. 4. ed. Tradução de Regis Barbosa; Karen Elsabe Barbosa, Brasília: Ed. da UnB, 1999.

Diretrizes para Autores

A Revista **FEMINISMOS**, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia, é um periódico de publicação trimestral e de circulação nacional e internacional que publica artigos, traduções, ensaios, resenhas, entrevistas e dossiês temáticos inéditos de autores/as brasileiros/as ou estrangeiros.

Os artigos publicados nesta Revista deverão versar sobre Mulheres, Gênero e Feminismos.

Os artigos, traduções, ensaios, resenhas, entrevistas e dossiês temáticos poderão ser apresentados em português, inglês ou espanhol. A Revista se reserva o direito de publicá-los na língua original ou traduzido, de acordo com decisão de sua Comissão Editorial, desde que com a anuência do/a autor/a.

Ao enviar seu trabalho para a Revista **FEMINISMOS**, a/o(s) autor(a/es) cede(m) automaticamente seus direitos para eventual publicação do artigo.

Os **artigos** devem ter entre 15 e 25 laudas, o equivalente a 55 mil caracteres.

Os **ensaios** e as **entrevistas** devem ter de 20 a 30 laudas, equivalentes a 55 mil caracteres, incluindo as referências, notas e tabelas.

As **resenhas** devem ter entre 06 a 08 laudas ou 15 mil caracteres. Os livros resenhados devem ter: até 3 anos de publicação, no caso de livros nacionais, e 5 anos, no caso de livros internacionais. Reedições não serão consideradas.

Quanto aos **dossiês temáticos**, as apresentações devem ser compostas de 6 até 8 laudas, ou 15 mil caracteres, e os textos devem apresentar de 15 a 25 laudas, até 50 mil caracteres.

Recomenda-se a utilização de processadores compatíveis com Windows, no formato de página padrão A4, margens das páginas 3x3x2x2 (respectivamente, margens superior/esquerda/inferior/direita) fonte Times New Roman 12, entrelinha 1,5;

Os textos devem seguir as normas da **NBR 14724 (2011)** para configuração de apresentação, no que diz respeito inclusive a sua organização lógica. Ademais, o título deve estar centralizado, em fonte Times New Roman 12, em letras maiúsculas.

Para garantir o anonimato durante o processo de avaliação, a autoria não deverá aparecer no corpo do artigo. A Revista Feminismos aplica a dupla avaliação cega entre pares, o que significa que o nome das/os autoras/es e sua filiação institucional não são reveladas às/aos avaliadoras/es e as/os nomes e filiação institucional das/dos avaliadoras/es não são reveladas às/aos autoras/es.

Todos os trabalhos devem vir acompanhados de resumo na língua em que for redigido, seguido de um resumo em língua estrangeira (inglês, espanhol e francês). Para os artigos escritos em uma língua estrangeira, eles devem apresentar um resumo na língua em que foi redigido, um resumo em português. O resumo deve apresentar, no máximo, 10 linhas, palavras-chave (máximo de 5), justificado,

espaçamento simples e em fonte Times New Roman 11. Para maiores esclarecimentos, sugere-se a consulta da **NBR 6028**, da ABNT, que versa sobre a constituição e elaboração de resumo.

Ao enviar os textos, o(a) articulista também deverá enviar um arquivo contendo as seguintes informações: título do artigo, nome completo da/o autora/or, filiação institucional, titulação máxima, uma breve descrição biográfica (máximo: 5 linhas), endereço postal, Telefone/Fax, e-mail. Fonte Times New Roman 12 (essas informações normalmente vêm em nota de rodapé atrelada ao nome do autor).

Sobre as citações, pede-se que sejam feitas em consonância com as atuais Normas Técnicas da ABNT, especialmente a **NBR 10520**.

Os seguintes itens devem ser observados na elaboração dos textos:

- As citações textuais longas (mais de 3 linhas) devem estar em destaque, compondo um parágrafo independente, com recuo de 4cm, em fonte Times New Roman 10, espaçamento simples, seguidas da referência. As citações com até 3 linhas devem aparecer no corpo do texto entre aspas, seguidas da referência.
- O itálico pode ser usado para palavras estrangeiras, neologismos e títulos de obras e publicações.
- Recomenda-se o uso de aspas simples para palavras com emprego não convencional e para indicar citação dentro de outra citação.
- As notas de rodapé devem ser explicativas, numeradas e usadas para esclarecimentos. Não devem ser usadas para referências. Deve-se restringir sua utilização e evitar notas longas.
- Para as citações no corpo do texto e as citações destacadas, utilize-se o sistema autor-data, ex: (SARDENBERG, 2004, p. 50). Para os casos em que se fazem paráfrases, utilize-se o sistema autor-data. Ex: (SARDENBERG, 2004).

Sobre as REFERÊNCIAS:

- Aos diferentes títulos de um mesmo autor, publicados no mesmo ano, adiciona-se uma letra depois da data. Ex: (COSTA, 2000a; COSTA, 2000b).
- A lista de referências completas deve ser apresentada ao final do texto, obedecendo aos seguintes critérios:

Livro:

SOBRENOME DO/A AUTOR /A DA OBRA, Prenome(s). *Título da obra*: subtítulo. Número da edição. Local de Publicação: Editora, ano de publicação.

Artigo:

SOBRENOME, Prenome. Título do artigo. *Título do periódico*, local de publicação, volume do periódico, número do fascículo, página inicial-página final, mês(es). Ano.

Dissertações, teses, monografias: dissertações, teses, monografias:

SOBRENOME, Prenome. *Título*: subtítulo (se houver). Dissertação (tese ou monografia). (Nome do Programa) Departamento, Universidade, local, ano. Número de páginas.

Capítulo de livro:

SOBRENOME, Prenome. Título do capítulo. In: SOBRENOME, Prenome (Org). *Título do livro*. Local de publicação: editora, data. página inicial-página final.

Documentos capturados via World Wide Web:

SOBRENOME, Prenome. Título da obra. [online] Disponível em: <http://www...> Acesso em: (informar data).



Ex:

COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento Feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. [online] Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys7/liberdade/anaalice.htm>
Acesso em: 10 out. 2010.

Os casos não explicitados aqui devem seguir as recomendações da ABNT. No caso de ilustrações, fotos e gravuras, devem ser enviadas nos formatos jpg, acompanhadas da autorização de direitos de reprodução e as referências necessárias. O número de tabelas e/ou imagens (gráficos, mapas, fotos, etc.) deverá ser mantido até o limite de cinco no total por artigo. Os textos devem ser encaminhados com revisão prévia. O envio dos textos aos(as) consultores(as) pareceristas está condicionado ao cumprimento dessa exigência.